



Morais (ao centro) incentivou os filhos a abrirem seu próprio negócio, tradição que foi mantida entre os netos

Manoel Morais, pioneiro no comércio da 'sulanca'

SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, PE — Quando, há cerca de 40 anos, o comerciante Manoel Morais começou a levar partidas de saldos de tecidos das fábricas pernambucanas para a vila de Santa Cruz do Capibaribe, para serem transformados em roupas baratas, certamente não imaginava que estava sendo o primeiro fornecedor da hoje conhecida indústria da **sulanca**.

Morais orientou seus 12 filhos para que, cada um, tivesse seu próprio negócio. Evitou brigas por espólio, e iniciou uma tradição que faz com que só em Santa Cruz mais de 20 descendentes tenham lojas e ou-

tros 20 estejam espalhados pelas cidades vizinhas, no ramo de tecidos.

Apenas um neto de Morais, Roberto, quebrou a tradição de não abrir o seu próprio negócio, preferindo associar-se ao pai, Abdias. Hoje, Roberto tem uma das maiores lojas de Santa Cruz, e o velho Abdias foi cuidar de suas duas fazendas de gado. A empresa de Abdias é típica do comércio local. Ele conhece não só seus clientes, mas também as suas famílias. Cuida pessoalmente da conta bancária e recebe como se fossem pagos a ele, os cheques que os pequenos comerciantes receberam de terceiros.

Foi de Roberto a idéia de reunir a

família para comprar nas fábricas o tecido a ser distribuído em Santa Cruz. Eles se juntam, fazem um pedido único e negociam um preço melhor. Ele diz que é comum o comerciante funcionar como indutor de criação de novos empregos.

— Ele financia o tecido ao pequeno confeccionista, que compra a máquina fiado, põe gente para trabalhar e, com a venda, paga aos dois.

Em Santa Cruz, o salário médio de uma costureira é de Cr\$ 12 mil e funcionam na cidade serviços de som e carros ambulantes que passam o dia convocando costureiras, que não estão disponíveis.